



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ/UNIFESSPA
INSTITUTO DE ESTUDOS DO TRÓPICO ÚMIDO/IETU
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

JAQUELINY DA SILVA VELOZO

**Construindo uma “Cidade Cristã”: memória, esquecimento e religiosidade
afro-amazônica em Xinguara-Pa.**

**XINGUARA/PA
2018**

JAQUELINY DA SILVA VELOZO

Construindo uma “Cidade Cristã”: memória, esquecimento e religiosidade afro-amazônica em Xinguara-Pa.

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará como requisito para a obtenção do título de Licenciada em História.

Orientadora: Prof. Dra. Anna Carolina de Abreu.

XINGUARA/PA
2018

JAQUELINY DA SILVA VELOZO

**“Construindo uma Cidade Cristã”: memória, esquecimento e religiosidade
afro-amazônica em Xinguara-Pa.**

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Anna Carolina de Abreu– Orientadora
Curso de História - UNIFESSPA

Prof. Dr. Bruno da Silva - Examinador
Curso de História - UNIFESSPA

Profa. Me. Lorén Graziela Carneiro Lima - Examinadora
Curso de História - UNIFESSPA

XINGUARA/PA
2018

Dedico este trabalho aos meus pais que me incentivaram nessa jornada do saber, sempre buscar objetivos e nunca deixar passar oportunidades principalmente no campo do conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais Velozo e Iris Velozo que me deram apoio e incentivo nas horas difíceis, meu irmão Jakson por me disponibilizar seus vales culturais para comprar os livros durante a graduação, minha irmã Laís por compreender minha ausência em vários momentos ligados a ela. Sou grata minha amiga Priscila Buenno que não me deixou ser vencida pelo cansaço e momentos difíceis incentivando com palavras para não desistir de chegar até aqui, meus amigos especiais Nilciléia e Valderir por me proporcionarem momentos de lazer e alegria acreditando que eu chegaria até o final do curso.

Agradeço a minha professora Dr. Anna Carolina responsável pela orientação desse trabalho acreditando que a ideia inicial poderia se concretizar. Meus agradecimentos especiais aos professores examinadores da banca Dr. Bruno Silva e professora Me. Lorén Graziela que dividiram comigo esse momento importante da minha vida fazendo contribuições enriquecedoras para o amadurecimento desse trabalho.

RESUMO

Este texto tem por objetivo problematizar uma memória oficial construída através das narrativas dos memorialistas locais em relação à religiosidade cristã na cidade de Xinguara-Pa, está foi se reafirmando e construindo identidades nos espaços urbanos impondo o cristianismo como a única forma de religiosidade aceitável. As pesquisas no arquivo da Associação Cultural e Beneficente Espirita e Umbandista e dos cultos Afro-Brasileiros de Xinguara e do Sul do Pará trazem indícios dessa religiosidade com suas organizações políticas e sociais em dinâmizações atraindo imigrantes de vários estados brasileiros a procura de seus serviços e ajudam a entender a diversidade religiosa existente na cidade sendo desde a emancipação de Xinguara década de 80.

Palavras Chaves: Memória – Esquecimento – Religiosidade - Xinguara

ABSTRACT

This text aims to problematize an official memory built through the narratives of local memorialists in relation to Christian religiosity in the city of Xinguara-Pa, it has been reaffirming and building identities in urban spaces imposing Christianity as the only acceptable form of religiosity. The researches in the archives of the Cultural and Charitable Association Espirita e Umbandista and the Afro-Brazilian religions of Xinguara and the South of Pará show signs of this religiosity with their political and social organizations in dynamizations attracting immigrants from several Brazilian states in search of their services and help to understand the religious diversity existing in the city since the emancipation of Xinguara 1980s.

Key words: Memory - Forgetfulness - Religiosity – Xinguara-Pa

SUMÁRIO

Introdução.....	08
Capítulo 1	
“Uma cidade cristã” memória oficial e historiografia.....	12
2.1. Formação do Sul do Pará.....	15
2.2. Memórias oficiais de Xinguara – Memorialistas na construção de uma cidade cristã.....	17
Capítulo 2	
Abrindo a caixa de um passado no anonimato.....	24
3.1. Conhecendo personagens “fora das narrativas oficiais”.....	26
3.2. Associação Cultural e Beneficente Espirita e Umbandista e dos cultos Afro-Brasileiros de Xinguara e do Sul do Pará.....	32
Considerações finais.....	37
Referências.....	41
Bibliografia.....	42
Anexo.....	43

INTRODUÇÃO

O Município de Xinguara- Pará está localizado no Sul do estado do Pará foi, formado por imigrantes vindos de vários lugares do Brasil, dentre eles, regiões do Nordeste e Centro-Oeste. A cultura presente na cidade é fortemente caracterizada pela “cultura do boi”, provavelmente, porque na atualidade a pecuária é considerada a principal atividade econômica do município segundo o IBGE¹. É importante ressaltar que a região sul do Pará tem chamando atenção de historiadores e sociólogos que analisaram as atividades econômicas e os conflitos existentes por causa de disputas de terras, ou seja, tensões e violência de campo² que deixaram marcada na memória do que tem escrito sobre a cidade—nas historiografias locais sobre Xinguara e seus pioneiros, a exemplo de um estudo publicado em 1992³. Nesses trabalhos memorialísticos, a memória da cidade está fundamentada na trajetória dos “pioneiros”, imigrantes chegaram ao município através de grandes projetos de desenvolvimento na Amazônia, as quais vieram em busca de melhores condições de vida e trabalho, nordestinos em direção ao trecho da rodovia localizado nos limites do estado do Pará, atraídos pelas propagandas de incentivos e trabalhos nas décadas de 1970.⁴

Quem chega a Xinguara percebe uma cultura cristã muito forte à medida que transitamos na cidade, são destacados: a “Praça da Bíblia” no centro da cidade e uma escultura de “São José Carpinteiro” enfrente a Igreja Católica matriz. Essa monumentalidade, logo nos faz pensar que estão ali de maneira natural e que nunca

¹ Ver www.ibge.com.br dados sobre a cidade e economia principal.

² Ver: PEREIRA, Airton dos Reis. **A luta pela terra no sul e sudeste do Pará: migrações, conflitos e violência no campo**. Tese (doutorado) - UFPE, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em História, 2013, analisa a luta pela terra, no sul e sudeste do Pará, entre a segunda metade da década de 1970 e meados dos anos 2000, tendo como foco central os conflitos e as violências que aconteceram em virtude: da expulsão de posseiros por empresas, do Centro-Sul do País, que instalaram nessa parte do território amazônico estimuladas e apoiadas financeiramente pelo Governo Federal; das disputas, simultâneas, entre trabalhadores rurais e fazendeiros, comerciantes e empresários por uma mesma área de terras devolutas; e, sobretudo, em razão das ocupações de grandes propriedades com títulos definitivos ou de aforamentos por trabalhadores rurais, principalmente, migrantes do Nordeste, do Sudeste e do Centro-Oeste que chegaram atraídos pela propaganda e pelas políticas de desenvolvimento que os sucessivos governos da ditadura civil-militar haviam planejados para a Amazônia.

³ Para uma leitura que descreve com detalhes os primeiros “pioneiros” e suas empresas, escolas e igrejas ver: FIRMINO, Antônio, **História documental de Xinguara e seus pioneiros**. Xinguara: Editora quatro, 1992.

⁴ BRAGA, Magno Marçal. **Rota Transamazônica: Nordestino e o Plano de Integração**. 1, ed. Curitiba; editora Prisma 2015.

existiu outra prática religiosa diferente da cristã. O cristianismo pregado atualmente de certa forma, acaba construindo uma memória oficial da cidade como cristã.

Mas sempre foi assim? Antes dessa imposição, na Xinguara em década de 1980 a 1990 existia uma associação de Umbandistas (religião de matriz africana) formada por imigrantes que vieram de Imperatriz-Ma e que exerciam suas atividades com apoio de figuras importantes no município como político vinculado a projetos sociais. Em entrevista realizada com a senhora Maria Oliveira⁵, ex-tesoureira da associação, ela nos afirma que possuía um dos maiores “terreiros” de umbandistas quando o município foi emancipado e mais 175 espalhados nos territórios do sul do Pará, ligados a associação de Xinguara. Essa memória de um passado de uma religião afro-descendente é apagada nos discursos da escrita do município que dá à cidade uma identidade cristã

O discurso de Maria Oliveira atualmente nos revela um receio de se declarar praticante de tal religião—pelo preconceito construído que a sociedade impôs a tal prática, pois na entrevista concedida ela afirma: “Parei porque foi uma forma de poupar minha segunda geração de serem chamados de macumbeiros e dos demônios”. Nota-se na fala, que os filhos de Maria Oliveira cresceram participando desses cultos já sofriam preconceito na época.

Essa monografia busca refletir sobre os seguintes questionamentos: porque não se fala dessa memória? E como se deu a tentativa de se apagar da memória escrita sobre o município uma cultura afro-brasileira existente nas décadas de entre 1980 a 1990? E hoje existem tais práticas? E se existem porque se escondem da sociedade? Como esse contínuo apagamento ocorre?

Pretendo analisar a memória construída do município da cidade sobre religiosidade e o processo de apagamento das práticas religiosas afrodescendente no município através de monumentos, historiografia locais, discursos preconceituosos atribuídos quem vai à contra mão da religião dominante compreendendo o processo de desaparecimento desses locais de práticas religiosas da Umbanda, entendendo porque é denominada tal prática como algo negativo e “demonizada”. Nesse sentido Michael Pollak⁶ lembra a respeito de indicadores de memória coletiva; dentre estes, encontramos de um lado, o monumento, o patrimônio e as datas, e do outro o folclore, as tradições e costumes.

⁵ Dona Maria. **Entrevista realizada no dia 12 de agosto de 2017**. Na cidade de Xinguara-Pa.

⁶ POLLACK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio; In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

As fontes utilizadas foram legislações, textos de memorialistas sobre Xinguara e documentos impressos e manuscritos pertencentes à Associação Espirita e Umbandista dos Cultos Afro Brasileiros de Xinguara. O capítulo um evidencia indícios de que os espaços escolares são campos férteis para a problematização de tais questões de forma iniciando a reflexão a respeito da diversidade religiosa na cidade. O segundo trata a respeito da formação da cidade e da análise de obras memorialistas a respeito de como a religião cristã se configura como um lugar da memória em Xinguara através do esquecimento das religiões afro-amazônicas. O terceiro busca dar visibilidade ao espaço religioso umbandista na cidade, por meio da análise da documentação do arquivo da Associação Espirita e Umbandista dos Cultos Afro Brasileiros de Xinguara, na década de 1980.

Frequentando os espaços escolares durante os estágios na graduação percebi abordagens de novos conteúdos na disciplina de História da época em que eu estudava o Fundamental e Médio, é um estudo com novos sujeitos como, por exemplo, indígenas, movimentos sociais e negros. Estas abordagens estão relacionadas à lei 10.639/003 que torna que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena"⁷. Então com essas possibilidades de estudo e abordagens desses sujeitos na disciplina foi proposto pelo estágio supervisionado que ocorreu na escola Cinderela localizada no setor Chácaras em Xinguara-Pa.

Quando chegamos à escola para a observação de estágio e aplicação do projeto percebi um espaço totalmente diverso e ao mesmo tempo uma reafirmação de Identidade, no caso, um espaço bem cristianizado com orações de “Pai Nosso” na parede, comemoração da Páscoa com festividades, enfim um espaço dinâmico e cristão, então foi pensado um projeto sobre “Diversidade Religiosa”⁸. Em um diagnóstico realizado na escola Municipal Cinderela, foi possível observar que os alunos em sua maioria se declarava cristão e desconhecendo quase totalmente outras práticas religiosas presentes no município de Xinguara, como a umbanda.

⁷ Ver [em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm). Consultada em 05 de maio de 2018 às 09h46min Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

⁸ As anotações presentes fizeram parte da disciplina Estágio Supervisionado onde produzi um texto denominado: **Relatório de Estágio Supervisionado II projeto de Intervenção Diversidade Religiosa na Escola Municipal de Ensino Fundamental Cinderela**. 2017, pp.7-11.

Inicialmente foi elaborado um diagnóstico sobre os conhecimentos prévios dos alunos sobre o tema, e como demonstraram os resultados em resposta escrita pelos próprios discentes existem uma consciência de uma diversidade religiosa, mas não sabem quais, e onde, a não ser das quais que os familiares praticam.

Então apresentamos aos alunos uma tabela do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas) sobre as diversidades existentes no Município dados de 2010, mostrando a quantidade de evangélicos e católicos. Com isso foi possível perceber a mentalidade existente e a reafirmação desse espaço escolar como cristão.

No dia 20 de novembro, ocorreu uma superficial comemoração a respeito da cultura negra, sendo que o assunto religião de matriz africana não foi mencionado. Assim, a observação que fiz do estágio, está em consonância com a autora Rosa Margarida Rocha que afirma ser um equívoco abordar a questões étnicas e raciais de forma exótica e folclórica; e para surtir efeito em uma educação antirracista, é necessário abordar o tema nas propostas de trabalho e projetos do ano letivo, e não somente em um único dia no final de ano.⁹

De acordo com Souza¹⁰ dentro de aspectos culturais na formação do Brasil, faz-se necessário fazer menção às suas variadas formas de crenças, que foram importantes para sua sobrevivência ao longo da História. Assim, percebo a importância de ressaltar essa temática principalmente no ensino de História e provocar diálogos e reflexões quanto à resistência de uma matriz religiosa africana envolta de preconceitos que foram atribuídos com o passar do tempo pela história do próprio município, e os estudos publicados não se aprofundam no aspecto cultural e religioso. O espaço escolar frequentado durante o estágio tem a mesma lógica da cidade em seus aspetos cristãos de reafirmar uma identidade cristã excluindo claramente outras possibilidades.

Inserido neste contexto da invisibilidade de um tema pode-se ler o regimento escolar do Município de Xinguara aprovado pela secretaria de Educação do Estado do Pará na década de 80, que contribui para essa formação de uma cidade de caráter cristão, e formação do sujeito, pois em seu Art.34 em seus parágrafos classificam que o ensino religioso precisam proporcionar:

⁹ ROCHA, Rosa Margarida. **Pedagogia da Diferença**. Coleção Repensando a África vol.2, belo Horizonte, 2009.

¹⁰ SOUZA, Marina de Melo e. **África e Brasil africano**. São Paulo: Ática, 2008.

I- Clima comunitário e evangélico;¹¹

A formação social desse sujeito foi voltada uma vertente cristã, pelo regimento escolar do município sem problematização de conhecimentos e ações dos sujeitos impondo diretamente uma forma *evangélica* de ser e de se comportar em determinados espaços.

Pode-se perceber a intenção de quem elaborou esse regimento sendo totalmente excludente a possibilidade de diálogo entre outras manifestações religiosas que poderia existir na época e de certa forma dialoga com o diagnóstico realizado nas turmas da escola Cinderela em Xinguara

O espaço escolar é um terreno aberto e ao mesmo tempo fechado para essas discussões, aberto pela lei com suas possibilidades de discussões em temas transversais permitidos pelos currículos escolares, e fechados quanto à direção e posicionamento religioso do professor em não abordar tais temáticas por medo de influenciar ou causar polemica entre alunos.

O objetivo desta monografia não é uma discussão sobre o ensino religioso na atualidade e sim pensar em como uma determinada memória da cidade se cristalizou até nos dias atuais, construindo uma imagem e memória sobre o aspecto de uma cidade cristã desde a década de 80. As páginas analisadas no próximo capítulo correspondem a esse processo de formação e reafirmação dessas identidades construídas através das narrativas sobre a memória da cidade por um olhar religioso pelas crenças trazidas de seus primeiros “pioneiros”.

¹¹ XINGUARA, **Regimento educacional aprovado pelo conselho estadual de secretaria de Educação Estadual**, aprovado em dezembro de 1981, p. 28.

Capítulo 1

“UMA CIDADE CRISTÃ” MEMÓRIA OFICIAL E HISTORIOGRAFIA.

1.1 Formação do Sul do Pará

O município de Xinguara no sul do estado do Pará, região norte do Brasil teve sua emancipação política em maio de 1982, anteriormente fazia parte de Conceição do Araguaia como uma sede e centralidade política. No século início do século XX o município de Conceição do Araguaia possuía uma economia pautada pelo extrativismo (em especial do Caucho), na agricultura e na pecuária.

Nas décadas de 50 inicia-se um a criação de novos projetos de integração da Amazônia, a construção de Belém-Brasília em 1955, com uma mobilidade de pessoas para a Amazônia em busca de terras devolutas e assim começam a aparecer vilas, povoados e cidades no estado do Pará. Segundo Octávio Ianni,¹² ao longo dos anos 60 o que predominou a economia no município foi o campesinato e a economia do autoconsumo, mas as modificações nesse cenário iam aparecendo, pois à medida que se desenvolvia a lógica capitalista industrial no modelo do centro-sul do país iam se modificando as estruturas agrárias, ganhando um dinamismo populacional do nordeste se dirigindo ao Pará pelas terras devolutas, e com a construção da Belém-Brasília e as medidas da SUDAM (Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia) em 1975 concedendo projetos agropecuários e incentivos fiscais começou uma corrida as terras paraenses.

De acordo com Tavares, isso provocou um surto de municipalização do estado, foram criados e recriados novos municípios, entre eles, Benevides, Bonito, Capitão Poço, Jacundá, Limoeiro do Ajuru, Magalhaes Barata, Peixe-Boi, Primavera, Santa

¹² IANNI, Octávio. **A Luta pela terra**: História social da terra e da luta pela terra numa área da Amazônia, ed. Vozes, Rio de Janeiro, vol. 8º, 1978. Obra que reflete a constituição do campesinato enquanto categoria social e política, estabelecendo um conjunto de pluralidades de pequenos produtores, sítiantes, posseiros, colonos ou que seja, que além de lutarem pela terra e de quererem posse e uso da terra e cuja posse era entendida como uma apropriação do produto de trabalho. Essa obra representa um modo de vida, de organizar a vida, a cultura, dando uma visão de comunidade nos fazendo conhecer a história de Conceição do Araguaia, como um dos municípios mais antigo do sul do Pará nesse cenário político de terras, onde há um choque de embates e conflitos sociais entre os grandes proprietários de terras e os pequenos produtores rurais pelo uso da terra em benefícios de grandes empresas e as políticas de incentivos fiscais propagados pelo governo.

Cruz do Arari, Santana do Araguaia, Santa Maria do Pará, Santarém Novo e São Félix do Xingu, todos em 1961 e a maioria deles sob a influência de Belém-Brasília, com isso percebemos a intenção do governo em atrair o desenvolvimento para a Amazônia com investimentos capitalistas, pois já que a região amazônica era vista como um “vazio demográfico”, ou seja, um discurso produzido por parte do governo criando esse imaginário e com fortes propagandas políticas excluindo a existência de indígenas, camponeses e outras comunidades organizadas da região norte do Brasil.¹³

Ao mesmo tempo em que a SUDAM incentivava os projetos agropecuários, começaram a se formar empresas visando o lucro atuando cada vez mais intensamente gerando e dinamizando atividades agropecuárias em toda a Amazônia onde fortes grupos econômicos do sul do país títulos enormes de extensão de terras expropriando assim os pequenos produtores rurais de exercer suas atividades de subsistências e rearranjos econômicos.

Com a ligação de Conceição do Araguaia a cidades como Marabá, Anápolis, Goiânia, Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo e outras pela rodovia iniciou-se um processo de mobilidade populacional em busca de empregos e terras para viverem, e nesse breve cenário as cidades da Amazônia.

Segundo Leila Mourão,¹⁴ cidades da Amazônia foram se formando pelas com atividades exploradoras das drogas do sertão, cacau, borracha, e se tornando contemporâneas da exploração da madeira, minérios, hidrelétricas e indústrias, claro resultantes de tensões entre processos de mudanças entre sociedade e natureza, ou seja, grupos sociais de acordo com seus interesses a constroem reconstroem e nela se estabelecem nos fazendo perceber uma tensão permanente nesse processo de transformação das cidades.

A abertura oficial da Amazônia ao capital, nacional e estrangeiro teve efeitos imediatos, interessava a todos a esses espaços, pois cada um procurava o que lhes interessava terra, madeira, minério e recursos hidrelétricos e com isso as cidades paraenses foram se formando e se reorganizando em volta das BRs e rodovias que eram construídas de mata adentro desapropriando indígenas e camponeses fazendo assim a formação da cidade se tornando conflituosa em sentido social entre grupos de

¹³ TAVARES, Maria. A Formação Territorial do Espaço Paraense: dos fortes à criação de municípios. **Revista ACTA Geográfica**, ANO II, n°3, jan./jun. de 2008. p.59-83.

¹⁴ MOURÃO, Leila. História das cidades da Amazônia Brasileira. **Revista de Estudos Amazônicos, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia**. Belém, Vol. II n° 1 editora açai, 2007.

camponeses e grandes proprietários (estes atraídos pelos incentivos oferecidos por parte do governo em 1970 a quem quisesse investir seus capitais).¹⁵ Sendo assim um breve panorama da região está apresentada a você leitor (a).

1.2 Memórias Oficiais de Xinguara - Memorialistas na construção de uma cidade Cristã.

Se forem feitas perguntas a um morador da cidade de Xinguara como: o que já leste de escrita sobre tua cidade? O que sabes sobre a sua formação social? Suas memórias contadas, repassadas, e materializadas? Essa história te representa? Ela te exclui? Ela oculta algo? Expõe algo?

A pergunta a um historiador que se debruce em pesquisar sua cidade não é fácil de responder, pois ele vai à busca de vestígios do passado, sujeitos descritos, sujeitos ativos, excluídos, e quem as produziu, ou seja, instituições da memória como museus, arquivos, bibliotecas, memorialistas, escritas e problematiza esses lugares da memória¹⁶ que são construídos a partir dos discursos produzidos e provocam discussões e reflexões com aportes teóricos e fontes existentes sobre tal acontecimento.

E para quem não compreende essa dimensão historiográfica analítica e crítica? Bom, à primeira obra que lerem ou escutarem os levará a uma história dita como “verdadeira” heroica e com grandes feitos, afinal ninguém quer apresentar uma narrativa que possa transmitir um aspecto negativo, e no caso desses memorialistas da cidade há uma exaltação exagerada quando abordam cada “primeiro” estabelecimento, monumentos que iam surgindo como se estivesse abrindo espaço para o “progresso”, “civilização” e “modernidade” na nova cidade que ia surgindo. O memorialista local Antônio Firmino entrelaça em seu discurso passado e presente ao descrever e comparar Xinguara com a Mesopotâmia, considerada o berço dos Impérios, e terra entre rios:

¹⁵ Para um perfil de como os grandes projetos Carajás foram determinantes para as existências de conflitos sociais, ver: HÉBETE, Jean. O grande Carajás: Um novo Momento da História Moderna da Amazônia Paraense: Na trilha dos Grandes Projetos; Modernização e conflito. Belém: UFPA, NAFA, 1989. **Cadernos NAFA**. 10 p.7-40.

¹⁶ NORA, Pierre. Entre História e Memória: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. São Paulo, v, 10 pp.7-28, 1993.

“Ninguém segura mais o progresso da região mesopotâmica dos dois grandes caudais líquidos Araguaia e Xingu”.¹⁷ .

A exaltação da formação da cidade é nítida nas palavras escrita pelo autor de Antônio Firmino, transmitindo positividade em sua narrativa e atraindo ao leitor a ter o gosto de saber como é a cidade de Xinguara inicialmente e como se estivesse na essência dos “primeiros” habitantes a heroicidade e que não importassem o que encontrariam no caminho estariam prontos a enfrentarem animais ferozes peçonhentos e doenças como a malária conforme descritos na narrativa memorialista:

A imensidão das distancias, a força abrupta que havia por baixo daquelas copas de arvores milenares, por toda uma incalculável área, estavam intactas, escondidas á espera dos destemidos pioneiros, homens de tempera comprovada que dariam suas vidas sem nada desejarem em troca, pois apenas teriam o prazer de conhecer o impenetrável, desafiar o perigo, deixar-se levar pela emoção.¹⁸

Então é o que aguarda você nesse tópico sobre as memórias que foram criadas, produzidas, construídas e discursos sobre a formação do município que talvez você leitor (a) encontre. Estou falando de uma memória que se tornou fundamental para a identidade de um lugar, uma cidade, ou seja, uma memória coletiva ¹⁹, então é importante que se conheça o tem produzido por esses escritores locais. As obras que foram encontradas sobre a cidade e seus “pioneiros” foram dois a de memorialistas Gerald Macedo com o livro sobre *Raízes de Xinguara*, publicado em 2012, e a obra de Antônio Firmino *História Documentária de Xinguara e seus Pioneiros* publicado em 1992. Nelas, os autores seguem abordando com detalhes cada família que aqui se instalou e dando inicio ao povoado de Xinguara, que são importantes para se compreender a formação social, cultural e econômica dessas consideradas “primeiras famílias” do município.

Nomeando primeiros comércios, escolas, igrejas, bancos, enfim construindo uma memória através da escrita por parte de grupos que se “destacaram” e mostrando ao leitor como foi à trajetória “difícil” e desbravadora desses “heróis” ao chegar a uma cidade trazendo “civilização e modernidade”, e é esse sentimento que transmitem as

¹⁷ FIRMINO. Antônio, **História documentaria de Xinguara e seus pioneiros**. Xinguara: Editora quatro, 1992.p.5

¹⁸ FIRMINO. Antônio, **História documentaria de Xinguara e seus pioneiros**. Xinguara: Editora quatro, 1992.p.8

¹⁹ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

leituras desses memorialistas que mesmo ocorrendo o perigo de uma história única com a supervalorização de uma cultura em seu aspecto geral, o que a torna uma história única nas duas narrativas encontradas e ditas oficiais ligadas a política e como a relação de poder nessas narrativas como nos alerta Chimamanda Adichie.²⁰ Com isso a história única reafirma lideranças políticas, demarcam lugares da memória sendo uma narrativa de cunho nacionalista, patriótica e uma ideia de desbravamento, uma história evolutiva e factual vindo de ações de sujeitos, e como são escritores locais e pertencem a uma elite local, essas memórias estão firmadas nas histórias sobre essa elite.

O início de sua escrita há uma exaltação pela construção das rodovias PA-279 e a PA-150 no estado do Pará, destacando as construções de estradas e conseqüentemente o povoamento dessa região ligado a investimentos desses projetos de integração da região ao nacional. O autor local ao longo das suas 125 páginas escrita denomina-a em todos os capítulos sempre como “Primeira Casa, primeiras igrejas, primeira padaria, primeiro açougue, primeiro colégio, primeiro comércio” e assim todos os títulos vem trazendo uma descrição detalhada de como foram surgindo um aspecto de “civilização e modernidade no município através desses pioneiros”.

Raízes de Xinguara, escrita por Gerald Macedo em 2012, com recorte temporal de 1970 a 1990 tem como propostas dos autores “resgatar a memória” dos primeiros habitantes xinguarenses. O autor está ligado a grupo político de ordem municipal, sua obra foi escrita no contexto de um projeto de cidade elaborado pelo ex-prefeito José Davi Passos. A tendência da ligação a grupos políticos é algo perceptível nas duas narrativas (a elaborada por Macedo e por Firmino).

Nesse contexto observam-se duas linhas formadoras de identidade histórica. A primeira voltada para os fatos oficiais, para o que é material e, portanto palpável; e a segunda que se refere à cultura imaterial, “não palpável”. A história oral no processo de formação das identidades locais servirá como ferramenta neste contexto, para interligar estes elementos e construir uma memória que apesar de em alguns casos não ser a oficial, possui sua legitimidade. Memória, enquanto capacidade de preservação de elementos coletivos nos remete a manutenção de ícones da trajetória histórica do lugar que não devem ser esquecidos, mais reconhecidos como partes integrantes na formação

²⁰ADICHIE, Chimamanda. **O perigo da história única**. Versão Brasileira Eclipse. TED Ideas Worth Streading. Padrão Youtube. 18 min. 28 de Abril de 2012. Disponível: <https://youtu.be/qDovHZVdyVQ> acessado em 15 de novembro de 2017 às 18h30min.

de uma sociedade. Os elementos históricos informativos da memória são registrados, guardados e se convertem em documentos. A memória arquivada, documentada, se torna oficial, portanto é necessária uma investigação social daquilo que está na oralidade como forma de obtermos novas interpretações do passado, ressignificando identidades que perderam espaço porque são considerados “inferiores”.

Segundo Portelli, a verdadeira contribuição que os pesquisadores da história oral podem oferecer à comunidade consiste em “fazer com que sua voz seja ouvida, levá-la para fora, em pôr fim à sua sensação de isolamento e impotência, em conseguir que o seu discurso chegue a outras pessoas e comunidades”.²¹ Consistindo em uma importante função social relembrar as memórias esquecidas ou desconhecidas, contrapondo a memória oficial. Além disso, percebe-se o interesse desses sujeitos no sentido de preservar sua história e sua identidade.

Quanto ao processo de interpretação da fonte oral, Michel Pollak procura ressaltar, categoricamente, que a análise de fontes – independentemente de sua materialidade- é a mesma: “A crítica da fonte, tal como todo historiador aprende a fazer, deve, a meu ver, ser aplicada a fontes de tudo quanto é tipo. Desse ponto de vista, a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita”²² E sobre o papel da história oral e a crítica das fontes, aponta:

[...] é óbvio que a coleta de representações por meio da história oral, que é também história de vida, tornou-se claramente um instrumento privilegiado para abrir novos campos de pesquisa. Por exemplo, hoje podemos abordar o problema da memória de modo muito diferente de como se fazia dez anos atrás. Temos novos instrumentos metodológicos, mas, sobretudo, temos novos campos. [...] Por outro lado, a multiplicação dos objetos que podem interessar à história, produzida pela história oral, implica indiretamente aquilo que eu chamaria de uma sensibilidade epistemológica específica, aguçada. Por isso mesmo acredito que a história oral nos obriga a levar mais a sério a crítica das fontes.²³

Dessa forma, percebemos a relação de História Oral e Memória sendo utilizadas para a construção de pesquisas gerando estudos diversificados abrindo espaços para

²¹ PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, São Paulo, v. 14, p. 25-39, fev. 1997.

²² POLLACK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989 p.208

²³ POLLACK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989 p.208

diálogos e até mesmo quebrando barreiras e tornando evidente o papel social da História.

Foi encontrada nas obras dos memorialistas analisados a relação da cidade com a religiosidade. Essas relações são citadas e mostradas com fotos: os primeiros padres, os primeiros batismos de pessoas, o trabalho social realizado pela igreja católica juntamente com a pastoral da terra, fotos de primeiras igrejas, menções de crenças e descrição da Folia dos Santos Reis e Folia do Divino Espírito Santo realizada na cidade no ano de 1976. Mencionando, sem muita profundidade, as crenças que existiam desde a fundação da cidade como mostram o quadro de imagens na próxima página.

Uma delas exhibe uma fotografia do primeiro padre a realizar uma missa em Xinguara, colocada no meio texto como “descanso visual” sem problematizá-la reafirmando ainda mais a construção de uma cidade cristã, juntamente com seu na fundação da cidade surgimento como mostra as figuras abaixo retratando um pequeno fragmento da realidade da época de acordo com o auto Gerald Macedo.

E assim em toda obra há imagens soltas e galerias de fotos de reafirmações do município de Xinguara, à medida que se desenvolvia as igrejas mais se crescia a quantidade de pessoas com suas crenças demonstrando que tanto o catolicismo quanto o protestantismo eram presentes no processo de urbanização e conforme as outras instituições iam se formando, como as primeiras escolas, empresas públicas e privadas, cinemas, primeiras famílias e assim por diante como uma propaganda e exaltação “de grandes feitos” pelo ex-prefeito Davi Passos.

Construção imagética de uma cidade cristã: fotos da obra *Raízes de Xinguara*.



Figura 1 Retirada do Livro "*Raízes de Xinguara*" retratando o primeiro Padre a realizar uma missa no entroncamento p.50



Figura 2 retirada do Livro "*Raízes de Xinguara*" p.185 retratando o primeiro batizado no Município.



Figura 3. Retirada do livro "*Raízes de Xinguara*" p.88 retratando a primeira construção da Assembleia de Deus, Ciadseta em 1970.

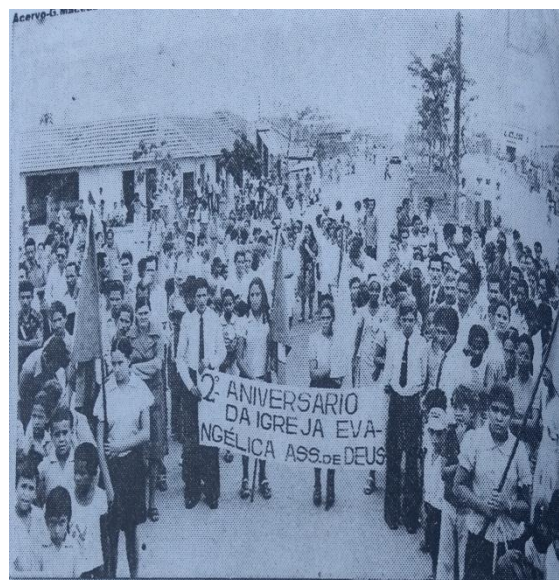


Figura 4, retirada do Livro "*raízes de Xinguara*" p. 90 retrando uma caminhada de evangelicos no municipio de Xinguara em 1981.

Essa menção de “grandes nomes da religiosidade”, atualmente tem reflexo, pois há espaços territoriais que determinam o poder das instituições religiosas na sociedade demarcando lugares de memórias como a “Praça da Bíblia”, e monumento dedicado a São José Carpinteiro, santo padroeiro da cidade, (provavelmente essa escolha tenha sido feita por ser Xinguara uma cidade com a economia voltada a grandes madeiras nas décadas de 80). Construindo reafirmando lugares de memória e ao mesmo tempo se torna uma disputa de poder, pois representam uma quantidade de pessoas, e como afirma Le Goff: “esses monumentos ligam-se ao poder de perpetuação, voluntária e involuntária das dessas sociedades, se tornando um legado da memória coletiva e reenvia o seu testemunho”²⁴.

Um fato interessante na obra “Raízes de Xinguara, há uma menção de que existiam outras formas de religiosidades afro-brasileiras em Xinguara, mas o autor não aprofunda em enfatizar a presença de tal prática como mostra a citação abaixo:

[..] em Xinguara, o primeiro terreiro de Umbanda foram do senhor Leon, o senhor Nicodemos, Tomé e Wilson da Torre, ainda em atividade. Até os anos 90, existiam 175 terreiros de Umbanda em Xinguara [...] ele me disse que o objetivo da associação era servir bem as pessoas.²⁵

Instiga perguntas a afirmação acima. O que aconteceu com a quantidade de terreiros existentes como afirma o autor? E se existem ainda pessoas em atividades da religião afro-brasileira porque ele menciona apenas três nomes? E de acordo com o próprio nome do livro nas “Raízes de Xinguara” não mereciam fotos em sua galeria para sobre a atuação dessa associação? Já que ao longo das páginas ele cita várias associações atuantes no município, mas não deixa clara a atuação dessa instituição onde o próprio autor destaca “o objetivo da associação era servir bem as pessoas”.²⁶

Esse trabalho está atrelado a minha memória e curiosidade desde infância ao mudar para o município de Xinguara. Logo que comecei a frequentar a igreja Assembleia de Deus em 1995, já ouvia discursos que só o cristianismo poderia “salvar”, e o trajeto da escola que eu estudava, era possível perceber em vários lugares da cidade oferendas

²⁴ LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. Editora Unicamp. Campinas, 2003.

²⁵ MACEDO, Gerald. **Raízes de Xinguara**. Xinguara: Gráfica Araguaia, 2012, pp 91-92

²⁶ MACEDO, Gerald. **Raízes de Xinguara**. Xinguara: Gráfica Araguaia, 2012 .pp.90-92

praticadas pela Umbanda, encontradas quase sempre nas encruzilhadas. Mas, o discurso que me acompanhava tantos dos meus pais, quanto de outros pertencentes à mesma religião que seguíamos era a da demonização, como se tal prática fossem algo negativo. E à medida que eu ia crescendo e percebia um desenvolvimento de outras igrejas as oferendas iam desaparecendo, pois não as encontrávamos nas ruas; era como se desaparecesse a tal prática para dar espaço a novas religiões que estivessem chegando. Era contínuo meu com um questionamento: porque não vemos mais as oferendas como antes? E se, atualmente existem, como fizeram para resistir a tantos discursos os “demonizados” e “feiticeiros”?

Retomando a obra de Antônio Firmino podemos perceber uma menção negativa da tal prática e que de fato existiam umbandistas nesta citação:

[..] mas como a história versa sobre em torno dos pioneiros dessa terra, mencionamos o primeiro a ser sepultado, que sem querer, estava inaugurando aquele local, nada menos com seu corpo, com sua morte, sempre o desejável. [...], pois Elizeu Martins dos Santos, perdendo a cabeça, tornou-se um criminoso famoso. Morava em sua casinha simples, pobre, a vida parecia lhe mais pobre quando a desgraça bateu-lhe a porta. A amada (sua mulher) o estava o traindo e, e para a sua maior desgraça, recorrendo à feitiçaria, para que ele a deixasse mais rápido o possível, deixando assim, na “rua da amargura” a mulher não se sabe o nome, ficaria no bem bom [...] e não suportando os ciúmes abateu a companheira a pauladas traiçoeiramente tornando-se um fato inusitado até então.²⁷

Dessa forma percebemos uma atuação de outra religiosidade a não ser cristã no município e ainda apresentando uma justificção do homicídio de Elizeu Martins contra sua esposa, pois já que ela tinha ido à busca de “feiticeiros” para fazer com que o abandonassem como se fosse a pior a *desgraça* até mesmo do que a traição, mostrando assim atitudes preconceituosas e machistas no homicídio de se sua esposa, plenamente justificados pelo memorialista.

Diante disso, as duas obras apresentam de forma indireta e direta outras práticas religiosas, uma de forma negativa justificando um crime e outra timidamente abordando como uma associação. Mas, não é mencionada no quadro de associações existente no município; ocultando sua atuação participação no processo de construção social do

²⁷ FIRMINO. Antônio, **História documentaria de Xinguara e seus pioneiros**. Xinguara: Ed. Quatro, 1992. pp.13

município. Quem anda pelas ruas de Xinguara, adornada pelos monumentos cristãos, nem imagina que essa Associação não cristã, era fortemente organizada e que ainda participava economicamente da formação do município nas décadas de 80.

Percebo que as práticas de cultos afro-brasileiros não foram inscrita nas narrativas, nem seus devotos surgem como sujeitos participativos na formação de Xinguara, pois os traços que foram deixados nas obras dos memorialistas, são como caixas abertas para irmos mais além dessa negatividade impressa nas obras, como se fossem histórias ruins; depreciação fruto da expansão católica e evangélica no município, um crescimento deixado evidente, principalmente nas galerias de fotos, a reafirmação de uma identidade cristã. Nas narrativas memorialistas aparecem rastros da Associação.

Se o nome faz jus, o termo associação é um conjunto de pessoas em busca do mesmo objetivo, em uma das narrativas oficiais apenas um nome foi citado e nenhuma foto foi atribuída, ocultando esses sujeitos porque simplesmente não interessariam a ninguém.

E como encontramos rastros dessa associação? Porque não existem mais no meio social? A historiadora Régine Robin contribui nesta reflexão ao dissertar sobre os acontecimentos;

Há acontecimentos que deixam traços em cujos arquivos, são conservados, mas nenhuma narrativa lhe é incorporada, porque elas não interessam a ninguém, a nenhum historiador, a nenhum curioso. As pilhas e caixas de arquivos estão à espera, mas não há ninguém para abri-los ou consulta-los. Eles não são abertos e nem consultados, porque ninguém apareceu para tirar os seres do anonimato e os fatores da submersão, para fazer história daquilo que um dia aconteceu.²⁸

Seguimos no próximo capítulo, uma incursão no tempo, nas reminiscências deixadas por “arquivos conservados” e “sem narrativa atribuída”, tentando rememorar, tirar do anonimato a Associação Cultural Beneficente Espirita e Umbandista e dos Cultos Afro-Brasileiros de Xinguara e do Sul do Pará partindo de seus arquivos buscando outras expressões da religiosidade em Xinguara.

²⁸ ROBIN, Régine. **Memória Saturada**. Tradução de Cristiane Dias e Greciely Costa. Campinas: Ed. Unicamp, 2016.p.86

Capítulo 2

ABRINDO A CAIXA DE UM PASSADO NO ANONIMATO

2.1 Conhecendo personagens “fora das narrativas oficiais”

Logo ao ingressar no curso de história me veio à possibilidade de perceber outros sujeitos percebendo outras nuances do que acreditava ser verdade absoluta; tanto que em meu trabalho cotidiano, ligado ao programa de endemias do município de Xinguara, no qual visito lares em um trabalho de combate do mosquito *aedes aegypti*, em uma das visitas fui a casa de uma senhora, localizada a Rua Vinicius de Moraes, no centro da cidade e percebi um diploma de curso dentro de uma caixa com um título que me chamou atenção: “Associação Cultural Beneficente Espirita e Umbandista e dos Cultos Afro-Brasileiro de Xinguara e do Sul do Pará” veio logo à curiosidade em saber de quem era e porque estava ali sujo com poeiras? O que representava aquele diploma e a quem pertencia?

Então comecei a perguntar a ela que relação tinha essa associação com a formação de Xinguara, vieram a mente as minhas lembranças onde indo para a escola na infância eu encontrava vestígios de oferendas em cruzamentos de vias públicas, algo muito diferente da cidade cristã apresentada no capítulo anterior, então percebi uma lacuna, que precisava ser preenchida e um questionamento a ser respondido. E qual a relação da formação da cidade com esse diploma encontrado em uma visita rotineira do meu trabalho? Como mostra a imagem abaixo.



Figura 6, Diploma da Associação Cultural Beneficente Espirita e Umbandista e dos Cultos afro Brasileiro de Xinguara e do Sul do Pará. Arquivo da mesma Associação que está sob a guarda de D. Maria

Esse diploma com data concedida em primeiro de novembro de 1985 tem muito a nos dizer sobre sujeitos envolvidos. Que instituição emitia? A que sujeito pertencia? E como exercia suas atividades essa associação no município de Xinguara. Cujo nome nem foi mencionado no livro “*Raízes de Xinguara*” nas páginas em que seguem sobre as primeiras associações do município, visto que pela data escrita no diploma com a foto acima podemos perceber que tinha uma participação social ativa em Xinguara.

Os sujeitos são vistos por suas identidades sociais, culturais e religiosas no meio em que vivem inseridas em determinado tempo e espaço, essas identidades são reafirmadas, reconstruídas, narradas e esquecidas em diversos episódios da História, a partir de quem as reconta e as reconstrói.

Dessa forma, esse capítulo pretende mostrar ao leitor (a) personagens ligados a instituição denominada Associação Cultural Beneficente Espirita e Umbandista e dos Cultos afro Brasileiro de Xinguara e do Sul do Pará que foram mencionados em narrativas memorialistas do município de Xinguara no estado do Pará do capítulo anterior de maneira tímida e preconceituosa, a cidade em tela apresenta desta forma espaços nos quais uma única vertente cristã é mostrada ocultando uma diversidade religiosa existente na formação social do município antes de sua emancipação política.

Nessas obras de cunho jornalístico ou literatos e memorialistas a ausência demonstra uma aversão à religião de matrizes africanas. Nesse caso do sul do Pará, as identidades religiosas de matriz africana pode ser visibilizados em fontes como a apresentada anteriormente. A reconstrução do passado se dá por meios de rastros que esse passado existiu, dessa forma a utilização desses rastros, no caso o diploma acima, não significa que busco uma verdade absoluta e concreta, e sim que pretendo entender esse evento como “um registro e ato histórico elas indicam a base e o ponto de apoio, o repositório dos elementos que definem os fenômenos cujas características se buscam compreender”.²⁹

Ao abrir a “caixa do anonimato” encontramos sujeitos escondidos que eram membros ou frequentadores da Associação Cultural Beneficente Espírita e Umbandista e dos Cultos Afro- Brasileiro de Xinguara e do Sul do Pará; fundada em 15 de julho de 1985, dois anos após a emancipação política do município de Xinguara em 13 de maio de 1982; é importante ressaltar que mesmo antes da institucionalização da associação ela atuava na década de 80 (de acordo com o depoimento de dona Maria, entrevistada e ex-tesoureira da mesma).³⁰

A Associação com suas práticas de cultos foi invisibilizada posto que suas crenças que iam à contramão do que foi construído historicamente sobre uma cidade Cristã nas narrativas e pela representação patrimonial nos espaços públicos reafirmando uma Cristandade católica e protestante nos monumentos como Praça da Bíblia e monumento do Santo José Carpinteiro. Ambos podendo ser visualizados como representação material dos “pioneiros” do município de Xinguara que agiam reafirmando sua identidade em determinados espaços.

Para conhecermos mais sobre a atuação da Associação Cultural Beneficente Espírita e Umbandista e dos Cultos Afro-Brasileiro de Xinguara e do Sul do Pará precisamos conhecer seu contexto histórico e a qual instituição normatizadora estava ligada.

A federação Espirita e Umbandista dos Cultos Afro-Brasileiro do Estado do Pará (FEUCABEP) eram responsáveis pela emissão de diplomas, licença de funcionamentos de cultos afro-brasileiros, e criação de associações como forma de proteção e legitimidade a essas religiões para expressar suas formas de culto. Sendo uma das

²⁹ SAVIANI, Demerval. Breves considerações sobre fontes para história da educação. In: **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. especial, p.28-35, ago. 2006.

³⁰ Dona Maria. **Entrevista realizada no dia 12 de agosto de 2017**, na cidade de Xinguara-Pa.

primeiras instituições civis a ser fundada no Pará, no ano de 1966, foi criada no contexto de ditadura militar no Pará, onde os ditadores governamentais viam nos “batuques”³¹ uma forma de desordem e bagunças, criando repressão a esse sons, algo que eram propagado pelos jornais escritos da época, então a Federação passou a organizar as formas de cultos.

Pesquisadores como Diana Brawn, Maria Helena Vilas Boas Cancone, Lísias Negrão, Patrícia Birman e outros no ano de 1985 ligados ao ISER (Instituto de Estudos “Umbanda e Política”), atribuíram o surgimento da Umbanda como religião nacional sob a tutela de Federações surgidas em meio ao contexto da ditadura Vargas como espécies de “sindicatos da Umbanda” normatizando seus cultos concedendo alvarás de funcionamento e licença.³²

Isso se explica pelo debate sobre o surgimento da Umbanda sendo de cunho nacional. De acordo com a leitura de Prandi (1995-96)³³ o surgimento desta religião ocorreu no início do século XX entre as décadas de 1920-30, gestada em um contexto totalmente urbano, surgindo assim a partir do encontro entre tradições kardecistas, católicas, indígenas e africanas, “diminuindo” suas raízes africanas e reivindicando uma identidade mestiça e como uma tentativa de “branqueamento”, ou seja, esse “branqueamento” da cultura negra, sendo explicado por Roger Bastide (1976) da seguinte forma, o negro subjugado ao regime de escravidão, não podendo ascender socialmente dentro dos padrões formados por uma cultura branca fazendo com que o recuse sua cultura africana para ser aceito na sociedade cujo estava se construindo uma identidade nacional com contribuições políticas através da imprensa com os movimentos intelectuais procurando estabelecer essa unidade nacional.³⁴

Desta forma, mesmo que a umbanda se declarasse longe de suas africanidades, como afirma Prandi, que poderia estar de alguma forma ligado ao discurso de

³¹ Ver: LEAL, Pinheiro Augusto Luíz. Entre Magias e Sortilégios: a questão da liberdade de culto no Pará. IN: **Revistas de Estudos Amazônicos**, vol. X n° 1 (2014) pp. 35-60. Este artigo é uma análise sobre as abordagens do estado novo em 1938 no estado do Pará sobre as práticas culturais de origem africana sofrendo perseguições policiais.

³² LUCA, Taíssa Tavernard de. **Revisitando o Tambor das Flores: a Federação Espírita e Umbandista dos Cultos Afro-Brasileiros do Estado Pará como guardião de uma tradição**. Orientação de Maria do Carmo Tinoco Brandão. Dissertação (Mestrado em Antropologia). UFPE, Recife, 2003, p.14

³³ PRANDI, Reginaldo. “As religiões Negras do Brasil”. **Revista USP**, São Paulo, dez/fev 95-96 pp.64-83.

³⁴ ORTIZ, Renato. "A morte branca do feiticeiro negro." **Cadernos (Universidade de São Paulo, Centro de Estudos Rurais e Urbanos)**, n. 9 (1976), p. 119-125.

“embranqueamento” e mestiçagem, mas certamente se configurava como uma religião de raízes africanas em seus símbolos e concepções estruturais.³⁵

O diploma que atesta a legalidade da Associação em Xinguara insere a cidade de Xinguara dentro desses debates da construção de uma religião sincrética, nos anos 1930. Nosso passado, em termos de religiosidade está atrelado a Pajelança, para compreendermos a presença dos afro-amazônicos em Xinguara é importante a leitura de Silva mencionando que antes do século XIX não é possível perceber a formação de terreiros e religiosidades africanas no Pará.³⁶

Porém, uma pesquisa mais aprofundada sobre o tema nos mostra que a respeito das práticas de religiosidade popular da *Belle Époque* paraense remete a tradições sincréticas, onde o elemento ameríndio chamando a atenção de literatos e jornalistas, demonstrando assim um dos primeiros aspectos de cultos formados pela pajelança.³⁷ Aldrin Figueiredo, tecendo relações sociais em torno de práticas de religiosidades amazônicas marcadas pelas transformações e pelas dinâmicas culturais, descreve que neste período as categorias “pajé” e “feiticeiros” estiveram muito mais presente na imprensa local do que qualquer referência a terreiros ou pais de santo, demonstrando a popularidade maior de crenças firmadas na pajelança e nos “feiticeiros”.³⁸

A partir de informações coletadas por estes é possível perceber que os saberes que contribuíram para formar o que chamamos de Religiões de Matrizes Africanas na Amazônia sofrendo influência do xamanismo indígena, conhecido como pajelança (o xamanismo indígena caracterizada pelo culto às forças da natureza, que se incorporam

³⁵PRANDI, Reginaldo. “As religiões Negras do Brasil”. *Revista USP*, São Paulo, dez/fev 95-96 pp.64-83.

³⁶ SILVA, Anaíza Vergolino e. Um encontro na encantaria: notas sobre a inauguração do “Monumental Místico do Rei Sabá”. In: MAUÉS, Raymundo Herald, VILLACORTA, Gisela Macambira (Eds). **Pajelança e Religiões Africanas na Amazônia**. Belém: EDUFPA, 2008.

³⁷ FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **A Cidade dos Encantados: pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia**. Belém: EDUFPA, 2008.

³⁸ **A Cidade dos Encantados: pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia**. Belém: EDUFPA, 2008. A obra *A cidade dos encantados: pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia, 1870-1950*, do historiador Aldrin Figueiredo, reconta a história das religiões amazônicas, especialmente sobre a crença nos encantados, e de como essas manifestações se tornaram o tema predileto de antropólogos e historiadores desde o século XIX até meados do século XX. Traça a história de vida de muitos pajés e pais de santo que ficaram famosos na Belém da belle-époque e no interior do Pará, como eram seus rituais de cura e também como disputaram espaço com a chamada medicina científica no cotidiano das cidades. O livro refaz as duas mais importantes genealogias de estudos sobre as religiões afro-amazônicas: A primeira dedicada aos estudos da pajelança indígena e cabocla, desde José Veríssimo, na década de 1870, até a obra de Eduardo Galvão, na década de 1950; A segunda, dedicada aos estudos sobre as religiões de matriz africana (em especial a chamada Mina do Pará) com os estudos pioneiros de Mário de Andrade e Oneyda Alvarenga, entre os anos de 1920 e 1950, até as obras de Vicente Salles, Napoleão Figueiredo e Anaíza Vergolino, nas décadas de 1960 e 1970.

no pajé através dos caruanas ou encantados, para realizar trabalhos de cura). Esses saberes de acordo Daniela Santos³⁹ com foram absorvidos e modificados pela população cabocla que se formou nas vilas e cidades da Amazônia e chegaram até Belém do século XIX, quando se tem notícias de que começaram a ser sincretizados com as práticas do Tambor de Mina, trazidas por migrantes maranhenses.

Há inúmeros trabalhos que nos permitem conhecer as práticas de religiosidades afro-amazônicas por todo o estado do Pará, antropólogos e historiadores inauguram narrativas de práticas sobre religiosidades afro-amazônica em seu processo histórico em suas formas de cultos, rituais e ressignificações.

Estamos tratando aqui de religião de matriz africana, com elementos indígenas como a pajelança e aspectos kardecistas, pelo próprio nome da associação percebemos esse sincretismo. O presente trabalho não pretende discutir o sincretismo religioso que houve com religiões afro-amazônicas e sim mostrar a atuação de outras formas de cultos em um espaço que se diz e se reafirma cristão desde a sua formação social e econômica.

A presença dessa associação nos dá possibilidades de desfazer o que é homogêneo nas narrativas escritas nos permitindo conhecer esses sujeitos, seus perfis, de onde vieram, e como houve esse processo de se associação em questão, e porque foram invisibilizados na construção da memória social de uma cidade localizada no sul do Pará.

Sendo assim me apropriado dos estudos de Régine Robin nos fazendo compreender que esse apagamento do passado se dá pelo silêncio e pela formação dos “tabus” que ainda existem na sociedade e que são construídos socialmente com discursos conservadores.⁴⁰

³⁹ SANTOS, Daniela Cordovil Corrêa. Religiões de matriz africana no Pará: entre a política e o ritual. **PARALELLUS Revista de Estudos de Religião-UNICAP**, v. 3, n. 5, p. 59-73, 2012. O texto discute aspectos contemporâneos das religiões de matriz africana na Brasil, especificamente no Estado do Pará. São abordadas as características religiosas das principais vertentes de culto praticadas no Estado, sua trajetória histórica, e também a forma como estas religiões assumem atualmente identidades políticas, dialogando com o Estado e com a sociedade através da política eleitoral e da construção de políticas públicas.

⁴⁰ ROBIN, Régine. **Memoria Saturada**. Tradução de Cristiane Dias e Greciely Costa. Campinas: Ed. Unicamp, 2016.p.80

2.2. Associação Cultural e Beneficente Espirita e Umbandista e dos Cultos Afro-Brasileiros de Xinguara e do Sul do Pará

Ao aprofundar a pesquisa foram encontrados mais documentos da atuação desta no município, documentos que expressam uma quantidade de imigrantes, e uma dinamização por parte dos seus associados na comunicação entre instituição, sujeitos e sociedade.

Essa associação estava diretamente ligada a FEUCABEP (Federação Espirita e Umbandista dos Cultos Afro-Brasileiros do Pará) criada em 1966, essa Federação foi criada para manter a ordem dentro do universo afro, e tirar essa religião da tutela da polícia. De acordo com Anaíza Vergolino, era corriqueiro que essas “casas de santos” se envolvessem em noticiários escandalosos e desordem indo de encontro à ordem imposta pelos militares.⁴¹ Então seria necessária uma instituição normatizadora criada dentro da delegacia de polícia de Belém servindo para evitar a desordem controlando formas de cultos com normas.

Estar associado à Federação garante a legitimidade ao religioso que pode ser equiparada a legitimidade de um estudante formado em uma Universidade Federa, por exemplo, tal qual aos seus colando a Federação Espirita e Umbandista dos Cultos Afro-Brasileiro do estado do Pará também cede alvarás que são moldurados e expostos nas paredes dos terreiros filiados- carteiras de batizados, para “médiuns”, diplomas, comprovantes de registro de iniciação. Todos esses registros mediante o pagamento de taxas que mantem a FEUCABEP⁴².

Em Xinguara a Associação foi organizada neste contexto acima com todo esse aparato burocrático, como o registro de licença; Maria Madeira em entrevista no conta sobre a aceitação da Umbanda em seu auge na década de 80: “nunca foi vista com “bons” olhos pela população”⁴³. Mesmo assim, a documentação da associação é vestígio de um passado dinâmico nos mostrando que esses associados eram imigrantes de outras regiões e que esta cumpria a obrigatoriedade da documentação burocrática assim conhecemos seus associados com seus deveres de estarem associados e devidamente registrados.

⁴¹ SILVA, Anaíza Vergolino e. **O tambor das Flores**. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 1976.

⁴² LUCA, Taíssa Tavernard de. **Revisitando o Tambor das Flores: a Federação Espirita e Umbandista dos Cultos Afro-Brasileiros do Estado Pará como guardião de uma tradição**. Orientação de Maria do Carmo Tinoco Brandão. Dissertação (Mestrado em Antropologia). UFPE, Recife, 2003, p.120

⁴³ Dona Maria. **Entrevista realizada no dia 12 de agosto de 2017**, na cidade de Xinguara-Pa.

Com isso, para ser legalizado com seu “Terreiro” era necessário ter uma certidão emitida pelo estado de Secretaria de Segurança Pública articulada a Delegacia de Polícia de Xinguara, para exercer suas funções e formas de cultos datada no ano de 1983, com fotos e assinaturas concedendo permissão para atuar com legalidade.

Esse documento era emitido permitindo as funções de liberdade de formas de cultos. A pesquisa me fez descobrir um universo encoberto, fiquei intrigada por querer conhecer mais sobre a atuação dessa religiosidade e ir mais aos arquivos e reconstruir um passado pelo o que foi encontrado, onde essa documentação está ligada ao contexto nacional, refletido no sul do Pará, onde controlavam todos os outros terreiros que enviavam proposta como tendo sua sede provisória no endereço na Rua Vinicius de Moraes Bairro Centro em Xinguara, como mostra o documento a seguir:

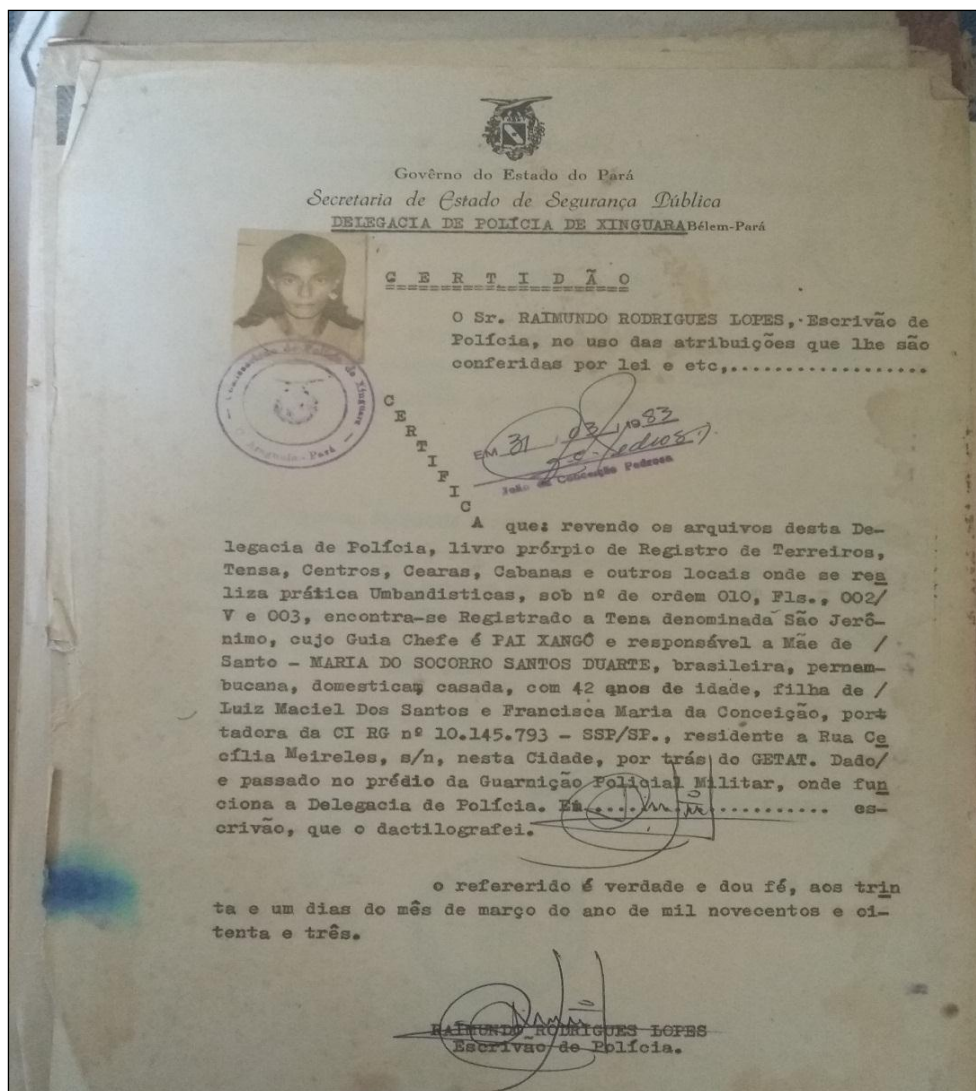


Figura 7. Registro do Terreiro São Jerônimo. Arquivo da Associação Cultural Beneficente Espirita e Umbandista e dos Cultos afro Brasileiro de Xinguara e do Sul do Pará

Conhecer esses associados através de documentos burocráticos me limitava no conhecimento sobre suas convicções, mas me apresentava o suficiente para mostrar a atuação e sua existência de uma religiosidade situada no campo do “não dito”⁴⁴. Pois, memorialistas deixaram de mencionar uma quantidade de 173 terreiros de Umbanda no município de Xinguara o é uma quantidade significativa, visto que, hoje não existem mais, é como se fossem substituídos por qualquer outra coisa ou esquecido, acabado, inexistente, restando apenas registros burocráticos, de acordo com Régine Robin:

⁴⁴ CERTEAU, Michel. A Operação Historiográfica. In: *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

O verdadeiro esquecimento talvez não seja o vazio, mas o fato de imediatamente colocar uma coisa no lugar de outra, em um alugar já habitado, de um antigo monumento, de um antigo texto, de antigo nome. Ou ainda voltar atrás passando por cima de um passado recente, obliterado em favor do mais antigo⁴⁵.

Questionar o que aconteceu com essas “casas santas” nos fazem entender como espaços foram ocultados, esquecidos, e reconstruídos, pois que para se ter ou existir algo “novo” se precisasse desfazer do que é “antigo”; e nesse movimento as memórias e histórias de um determinado grupo são apagadas, em favor do “novo” onde esse novo pode vim em nome do “progresso” e “urbanização”.

Não imaginava que ao mergulhar pelos arquivos poderia encontrar uma cidade com forte preconceito religioso na década de 80 e ao mesmo com uma cultura afro-amazônica tão forte ligada a uma associação fortemente ativa em suas atividades cotidianas. É o que nos revelam os dados dos registros em ata de umas das tendas existentes, por nome de Tenda São Jorge, com sede em Xinguara, nos mostrando uma dinamização de pessoas que frequentavam seu estabelecimento para consultas de cunho em interesses em materiais e espirituais como estão registrada.⁴⁶

Diante disso para mostrar essa movimentação de pessoas foi separado de acordo com os arquivos encontrados em dois anos consecutivos, entre 1983 a 1985 em documentos fragmentados e feita reconstrução de atas com páginas que foram desgastadas devido às condições em que se encontrava guardadas os arquivos, como mostra a tabela 1, da Tenda São Jorge localizada a Rua Vinicius de Moraes, onde hoje é a casa da ex-tesoureira da associação.

⁴⁵ROBIN, Régine. **Memoria Saturada**. Tradução de Cristiane Dias e Greciely Costa. Campinas: Ed. Unicamp, 2016.p.93

⁴⁶ **Livro de Atas da Tenda São Jorge**. Arquivo da Associação Cultural Beneficente Espirita e Umbandista e dos Cultos afro Brasileiros de Xinguara e do Sul do Pará

Tenda São Jorge		
	Anos	Quantidade
HOMENS	1983 a 1984	397
MULHERES	1983 a 1984	507
TOTAL		904

Quadro 1. Quantidades de Pessoas que frequentavam a Associação Cultural Beneficente Espirita e Umbandista dos Cultos Afro-Brasileiros de Xinguara e do Sul do Pará, da Tenda S. Jorge.

Contudo essa amostragem é de dois anos sendo que associação foi em seu auge dos anos antes de ser registrada, em 1978, tendo seu registro em 1984 pela FEUCABEP até 1990, essa movimentação com 904 pessoas registradas é uma quantidade considerável e uma interligação com outros municípios, tais como, Agua Azul, Sapucaia, Redenção, Rio Maria, Pau Darco e São Félix do Xingu, sendo imigrantes até mesmo de outros estados como Goiás, Tocantins e Maranhão, sendo de uma única Tenda encontrada, tendo possibilidades de existirem mais pelas assinaturas de atas de reuniões entre associados contendo o nome de 33 pessoas associadas, e cada associado seria responsável por ter alvarás de funcionamento, o nome de seu Terreiro e endereço⁴⁷.

Essas atas revelam pessoas que buscavam ajuda espiritual para resolver questões relacionadas a seus interesses, conflitos pessoais, questões administrativas como troca de secretários enfim, tudo devidamente registrado pela letra da secretária, visto que a maioria dos associados eram semianalfabetos, com pouca leitura, mas entendiam o que queriam e porque estavam associados.⁴⁸

Um das questões que podemos citar para motivar a quantidade de pessoas interessadas em se manter a tanta burocracia para assegurar a sua fé, era a assistência social dada pela FEUCABEP, por via da associação, o estatuto da Associação sede em Xinguara, Associação Cultural e Beneficente Espirita e Umbandista e dos cultos Afro-Brasileiros de Xinguara e do Sul do Pará, em parte três, dos direitos dos associados constam as seguintes entre outros “Auxílios Funeral, Consulta Médica, Assistência

⁴⁷ **Livro de Atas da Tenda São Jorge.** Arquivo da Associação Cultural Beneficente Espirita e Umbandista e dos Cultos afro Brasileiros de Xinguara e do Sul do Pará.

⁴⁸ **Livro de Atas da Tenda São Jorge.** Arquivo da Associação Cultural Beneficente Espirita e Umbandista e dos Cultos afro Brasileiros de Xinguara e do Sul do Pará.

Social, definida pela diretoria, Assistência jurídica e Dentária”⁴⁹ com isso podemos levar por eixo de análise que o interesse maior era o benefício que garantia ser associado em temas de interesses pessoais.

Percebemos com isso uma movimentação de pessoas indo e vindo mantendo relações sociais e econômicas, deixando vestígios de que estiveram presentes na construção social do município através do seu credo. Mesmo que sua memória não mencionada, escrita ou narrada esses personagens teciam suas histórias, pois a memória enquanto processo de construção social é fundamental não apenas para formação da identidade de um grupo como integração social do indivíduo na coletividade uma vez que o busca em um grupo sentimentos de continuidades de acordo com suas tradições⁵⁰.

Dar visibilidade para esses personagens é mostrar que narrativas construídos de âmbito político tem lados que exclui e oculta, porque corre o risco de houver rejeição por parte de quem lê, já que as narrativas além de agradarem um público católico e evangélico são uma exaltação de personagens políticos, demonstrando também o crescimento já demonstrado pelo IBGE da quantidade de evangélicos e católicos no censo de 2010 é relevante como mostra no gráfico a seguir:

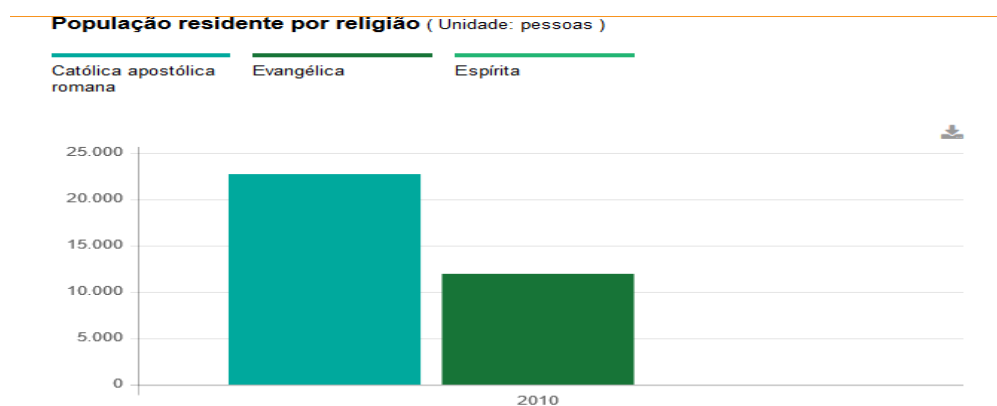


Figura 8.Gráfico do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em relação a crenças em Xinguara, em www.ibge.gov.br consultado as 12; 58 02 de maio de 2018.

⁴⁹ **Estatuto elaborado pelo senhor Nicodemos B. De Oliveira em 10 de Junho de 1984 e aprovado pela Feucabep em 15 de Julho de 1985.** Arquivo da Associação Beneficente Espirita e Umbandista e dos Cultos Afro-Brasileiros de Xinguara e do Sul do Pará, pp 05 e 06.

⁵⁰ SOARES, André Luís Ramos; MINUZZI, João Davi Oliveira; MACIEL, Renata Baldin. Memória e história local como patrimônio. *Mouseion*, v. 1, n. 10, pp 132-134.

Mas os vestígios do homem no tempo os fazem compreender que a construção de uma cidade cristã se deu por um ponto de vista tendencioso, voltado à exclusão de uma vertente religiosa de raízes africanas. E se a história dessa exclusão for nossa “Antiguidade” local? E se existirem ainda essas práticas religiosas atualmente? E se escondem por motivos de medo do preconceito que ainda existe mesmo depois da constituição de 1988 que assegura a liberdade de cultos? Questões ainda ficam abertas para a problematização dessa memória em questão.

A pesquisa sobre a temática possibilitou conhecer esses personagens de perto através dos arquivos encontrados com suas histórias, pois jamais imaginaria que essas *histórias* com suas particularidades dentro de caixas arquivadas pudessem revelar um universo dinâmico que não foram mencionadas, escritas ou contadas porque não interessavam a quem escreveu, elegendo uma “elite” ou classe considerada mais importante na construção de uma memória.⁵¹ Considero assim um desaparecimento desses anônimos “dentro desse baú” como um processo ocorrendo em massa, visível apenas nos vestígios conforme menciona Régine Robin:

O que se deixa depois de uma vida “normal”? Vestígios em um registro civil, as certidões de nascimento, e de óbito, uma referencia de certificado de estudos no jornal local que indica os “comprovantes” do cantão, alguns fragmentos. Um túmulo no cemitério, uma lápide e, se o tempo não apagar um nome, uma inscrição, datas. Se houver descendentes, algumas lembranças, transmitidas a famílias, algumas fotos, às vezes partes de correspondências em cartões-postais, em casos ainda mais raros, diários íntimos.⁵²

Com isso percebemos que a visibilidades de sujeitos dentro da história vem através de vários arquivos que revelam a materialidade a sua existência foi o que ocorreu com outras formas de religiosidades diferentes das quais minha família praticava; e que abertamente dizia que eram pessoas “amaldiçoadas” porque não pensavam e não agia como nós, discurso propagado em reuniões religiosas na Igreja Assembleia de Deus das quais frequentávamos.

⁵¹ FARGE, Arlete. **Lugares para a história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

⁵² ROBIN, Régine. **Memoria Saturada**. Tradução de Cristiane Dias e Greciely Costa. Campinas: Ed. Unicamp, 2016.p. 96.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar o processo de invisibilização de um passado ligado à religiosidade afro-amazônica percebemos que os memorialistas locais destacam temáticas tais como “pioneirismo” das religiões cristãs (católica e protestante). Em uma das obras analisadas há a ausência, e na outra não há uma profundidade quanto à religiosidade afro-amazônica local. Jacques Le Goff, ao dissertar sobre a memória coletiva nos lembra que:

Memória coletiva é posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder, Torna-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram as sociedades histórica⁵³

Sendo assim é perceptível que grupos religiosos fizeram sua história através da escrita desses memorialistas transmitindo assim um aspecto de cidade cristã desde a sua fundação impondo sua crença como única e verdadeira chegando à comunidade local de forma indireta e ocultando uma memória de umas das práticas religiosas mais antigas que existem no estado do Pará, a Umbanda. Essas disputas estão atreladas por busca de poderes e reconhecimento sociais que entendem a religiosidade de matriz africana e indígena como inferior. De acordo com Pinheiro⁵⁴ essas práticas de repressão às religiões afro-amazônicas ocorrem especialmente desde 1938, quando o Estado Novo proibia a liberdade de culto de religiões africanas refletindo nas narrativas existentes sobre a história do município.

Buscamos com essa monografia expor através da análise de documentos a atuação de uma religiosidade não mencionada nas narrativas escritas e silenciada pelos monumentos existentes em Xinguara; abrir possibilidades de análises sobre o seu desaparecimento atual; entender até quando resistiram e suas formas de resistências em meio a um campo cristianizado. E assim, refletir sobre uma história de sujeitos que fizeram parte da construção social de uma cidade, mas que não se ligaram a uma cultura dominante propagada e reafirmada.

⁵³ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Editora Unicamp. Campinas, 2003, p.422

⁵⁴ LEAL, Pinheiro Augusto Luíz. Entre Magias e Sortilégios: a questão da liberdade de culto no Pará. IN: **Revistas de Estudos Amazônicos**, vol. X nº 1 (2014) p. 35-60.

No entanto, através de fontes escrita é notada a preocupação dos membros da Associação umbandista em formalizar cada reunião, cada decisão tomada em trocas de secretários, diretores, tesoureiros, os temas de consulta (material e espiritual). Essa procura de inserção na legalidade ocorre em um contexto em que era necessário um apoio institucional para resistir. Havia uma dinâmica de encontros semanais, sempre às escondidas, para não causar desconforto em quem não concordasse com suas práticas de cultos, indo à contra mão de uma dominação católica e evangélica.

Esse esquecimento por parte das narrativas locais é fruto dessa cidade cristã construída no apagamento da memória das religiões de matriz africana. Atualmente há um aumento do número de cristãos evangélicos refletido até mesmo na contagem do IBGE no censo de 2010 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas). Será que esses sujeitos se converteram ao cristianismo? Abandonaram suas convicções de fé devido ao crescimento de Igrejas evangélicas simbolicamente construindo por cima de Terreiros como forma de fazer uma limpeza na cidade? As indagações do presente nos levaram a busca de entender as expressões de religiosidade no período de emancipação da cidade. E afinal, como reagiriam os alunos ao descobrir que Xinguara foi espaço dinâmico de religiões afro?

Referências

Fontes

Memorialistas

FIRMINO, Antônio, **História documentaria de Xinguara e seus pioneiros**. Xinguara: Ed. Quatro, 1992.

MACEDO, Gerald. **Raízes de Xinguara**. Xinguara: Gráfica Araguaia, 2012

Fontes manuscritas

Livro de Atas da Tenda São Jorge. Arquivo da Associação Cultural Beneficente Espirita e Umbandista e dos Cultos afro Brasileiros de Xinguara e do Sul do Pará.

Fontes impressas

BRASIL, República Federativa do. **Lei no 9.394**, de 20 de dezembro de 1996,

BRASIL, República Federativa do. **Lei no 10.639**, de 9 de janeiro de 2003.

Diploma da Associação Cultural Beneficente Espirita e Umbandista e dos Cultos afro Brasileiro de Xinguara e do Sul do Pará. Arquivo da Associação Cultural Beneficente Espirita e Umbandista e Umbandista e dos Cultos afro Brasileiros de Xinguara e do Sul do Pará.

PARÁ, Secretária de Segurança Pública. **Registro do Terreiro São Jerônimo**. Arquivo da Associação Cultural Beneficente Espirita e Umbandista e dos Cultos afro Brasileiro de Xinguara e do Sul do Pará.

XINGUARA, **Regimento educacional aprovado pelo conselho estadual de secretaria de Educação Estadual**, aprovado em dezembro de 1981, p. 28

Entrevista

Dona Maria. **Entrevista realizada no dia 12 de agosto de 2017**, na cidade de Xinguara-Pa.

Bibliografia

- ADICHIE, Chimamanda. **O perigo da história única**. Versão Brasileira Eclipse. TED Ideas Worth Streading. Padrão Youtube. 18 min. 28 de Abril de 2012. Disponível: <https://youtu.be/qDovHZVdyVQ> acessado em 15 de novembro de 2017 às 18h30min.
- BRAGA, Magno Marçal. **Rota Transamazônica: Nordeste e o Plano de Integração**. 1, ed. Curitiba; editora Prisma 2015.
- CERTEAU, Michel. A Operação Historiográfica. In: A *Escrita* da *História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- FARGE, Arlete. **Lugares para a história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **A Cidade dos Encantados: pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia**. Belém: EDUFPA, 2008
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.
- HÉBETE, Jean. O grande Carajás: Um novo Momento da História Moderna da Amazônia Paraense: Na trilha dos Grandes Projetos; Modernização e conflito. Belém: UFPA, NAFA, 1989. **Cadernos NAFA**. 10 p.7-40.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Editora Unicamp. Campinas, 2003, p.422
- LEAL, Pinheiro Augusto Luíz. Entre Magias e Sortilégios: a questão da liberdade de culto no Pará. IN: **Revistas de Estudos Amazônicos**, vol. X n° 1 (2014) p. 35-60.
- LUCA, Taíssa Tavernard de. **Revisitando o Tambor das Flores: a Federação Espírita e Umbandista dos Cultos Afro-Brasileiros do Estado Pará como guardião de uma tradição**. Orientação de Maria do Carmo Tinoco Brandão. Dissertação (Mestrado em Antropologia). UFPE, Recife, 2003.
- MAUÉS, Raymundo Herald. **A ilha encantada: medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores**. Belém: NAEA/UFPA, 1990.
- MOURÃO, Leila. História das cidades da Amazônia Brasileira. **Revista de Estudos Amazônicos, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia**. Belém, Vol. II n° 1 editora açaí, 2007.
- NAXARA, Márcia R. C.; BRESCIANI, Maria Stella. **Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: Ed. Unicamp, 2004.
- NORA, Pierre. Entre História e Memória: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. São Paulo, v, 10 pp.7-28, 1993.

ORTIZ, Renato. "A morte branca do feiticeiro negro." **Cadernos (Universidade de São Paulo, Centro de Estudos Rurais e Urbanos)**, n. 9 (1976), p. 119-125.

PEREIRA, Airton dos Reis. **A luta pela terra no sul e sudeste do Pará: migrações, conflitos e violência no campo**. Tese (doutorado) - UFPE, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em História, 2013

POLLACK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio; In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, São Paulo, v. 14, p. 25-39, fev. 1997.

PRANDI, Reginaldo. "As religiões Negras do Brasil". **Revista USP**, São Paulo, dez/fev 95-96 pp.64-83.

Pajelança e Religiões Africanas na Amazônia. Belém: EDUFPA, 2008.

ROBIN, Régine. **Memoria Saturada**. Tradução de Cristiane Dias e Greciely Costa. Campinas: Ed. Unicamp, 2016.p. 96.

ROCHA, Rosa Margarida. **Pedagogia da Diferença**. Coleção Repensando a África vol.2, belo Horizonte, 2009.

SANTOS, Daniela Cordovil Corrêa. Religiões de matriz africana no Pará: entre a política e o ritual. **PARALELLUS Revista de Estudos de Religião-UNICAP**, v. 3, n. 5, p. 59-73, 2012.

SAVIANI, Demerval. Breves considerações sobre fontes para história da educação. In: **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. especial, p.28-35, ago. 2006.

SILVA, Anaíza Vergolino e. **O tambor das Flores**. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 1976.

SILVA, Anaíza Vergolino e. Um encontro na encantaria: notas sobre a inauguração do "Monumental Místico do Rei Sabá". In: MAUÉS, Raymundo Heraldo, VILLACORTA, Gisela Macambira (Eds). **Pajelança e Religiões Africanas na Amazônia**. Belém: EDUFPA, 2008.

SOARES, André Luís Ramos; MINUZZI, João Davi Oliveira; MACIEL, Renata Baldin. Memória e história local como patrimônio. **Mouseion**, v. 1, n. 10, pp 132-134

SOUZA, Marina de Melo e. **África e Brasil africano**. São Paulo: Ática, 2008.

SILVA, Zélia Lopes da. **Arquivo, Patrimônio e Memória – Trajetórias e Perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1999.

TAVARES, Maria. A Formação Territorial do Espaço Paraense: dos fortes à criação de municípios. **Revista ACTA Geográfica**, ANO II, n°3, jan./jun. de 2008. p.59-83.

Anexo

Termo de Cessão assinado para entrevista

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM, ÁUDIO E DADOS PESSOAIS E BIOGRÁFICOS

Autorizo _____ a utilização, a divulgação e a reprodução de imagens, áudio e dados pessoais e biográficos por mim relatados, incluindo todo e qualquer material fotográfico, objetos e documentos por mim apresentados, para a realização e a divulgação de projetos institucionais desenvolvidos relacionados à história e à memória em seu trabalho acadêmico na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Estando ciente de que o material coletado poderá ser disponibilizado para pesquisas posteriores (desde que destinados a finalidades referentes a pesquisas sobre a memória social) a qualquer momento, para utilizar, divulgar e reproduzir as informações acima citadas em mídia impressa (livros, catálogos, jornais, revistas, entre outros); mídia eletrônica (Internet); e demais meios de comunicação (TV, cinema e rádio); bem como em banco de dados informatizado, relatórios institucionais e eventos de divulgação acadêmicos e científicos.

Nome: Maria Madeira de Souza

Endereço: Cidade: Estado: CEP: RG: CPF:

Telefone: 99115-2846

E-mail: mariamaduradesouza@gmail.com

Xinguara, Rua Venâncio de Moraes n° 322 - Centro - Pa
68555-000
Rg: 126.423
CPF: 124.868.252-15

Local, dia, mês e ano.
Xinguara, 02 de dezembro de 2017.

Maria Madeira de Souza

Assinatura do entrevistado